

Memórias do Comércio - Baixada Santista (MCS)

O dom da simplicidade

História de [José Gileno do Nascimento](#)

Autor: [Museu da Pessoa](#)

Publicado em 21/02/2005

Projeto Memórias do Comércio – Sesc Santos
Deponente José Gileno do Nascimento
Entrevistadoras: Rosali Henriques e Roberta Costa
Santos, 08/10/2001
Código: MCS_HV003
Realização Museu da Pessoa
Transcrição feita por: Jurema de Carvalho
Revisado por: Bruna Ghirardello de Oliveira

P/1 – Sr. José, nós gostaríamos de começar nosso depoimento com o senhor falando seu nome completo, o local e a data de seu nascimento.

R – Meu nome é José Gileno do Nascimento, a data é 13 de maio de 1944, Campo do Brito, Estado de Sergipe.

P/1 – Sr. José, qual o nome dos seus pais?

R – José Dias do Nascimento, a mãe Maria Dias do Nascimento.

P/1 – Os seus pais também são naturais de Campo de Brito?

R – Todos dois.

P/1 – O senhor sabe qual a origem da sua família, se seus avós são de lá também?

R – São ali mesmo de Campo de Brito.

P/1 – Fala um pouquinho como é essa cidade.

R – É uma cidadezinha pequena. Quando eu era criança quase não tinha nem carro, tinha duas bicicletas velhas pelo meio da rua, agora cresceu um pouquinho, está mais evoluída, tem até sobrados, está mais ampliada, tem as ruas todas calçadas, mas foi ampliada num sistema de vida melhor, antes era só lama, rua toda lama. Quando eu era moleque saía para um passeio, caía na lama. Agora não, já tem um envolvimento mais bacana que toda cidade merece, as cidadezinhas pequenas do interior. Eu estive ainda agora, há dois anos atrás, era uma cidadezinha feia, tenho até foto em casa, estava vendo agora está muito bonitinha. Quer dizer que são cidades que cresceram de uma hora para outra, desenvolveram.

P/1 – Mas na época que o senhor nasceu, quando o senhor era criança, que tamanho que era? Quantos habitantes tinham?

R – Era muito pouco. Na cidade mesmo devia ter o quê? Uns dois mil habitantes, por aí, se tivesse.

P/1 – O senhor morava na cidade ou na roça?

R – Nós morávamos num sítio encostado a cidade. A cidade foi crescendo, crescendo e o sítio ficou dentro da cidade, inclusive nós tínhamos casa dentro da rua. Mas naquele tempo nós trabalhávamos na roça, meu pai tinha meia fazendinha lá, cheio de gado. E nós íamos para a cidade de noite, encostado. Dali nós íamos para a cidade e tinha aquela luz que era um gerador. Chegava às 6.00 horas, quando escurecia, acendia as luzes, uns candeeirozinhos, que eram umas porcarías e quando dava 10 horas, davam três sinais, 15 minutos de um para outro. Aí dava tempo para você correr e ir para casa, quem não corresse ficava no escuro no meio da cidade, ficava que nem cemitério. Mãe era velhinha, já de idade, quando dava o primeiro sinal, nós falávamos “Mãe, vamos embora”, aí ela ia falar com as comadres, “Não, espere um pouco”, aí dava o segundo “Mãe, vamos, vamos”, quando dava o terceiro, se mandava. Era assim, nem dá para comparar. Hoje não, tem a luz, era gozado.

P/1 – A luz era só até as 10 horas?

R – Até as 10 horas, dava três toques, em 15 em 15 minutos que era para dar tempo da pessoa ir para casa. Quem não fosse ficava no escuro no meio da cidade. E era cheia de buraco, pessoa de idade caía aqui, ali. Então tinha que correr senão ficava no escuro mesmo. Era gostoso mas hoje se chega lá, não dá nem para comparar. A cidade cresceu demais.

P/1 – O senhor falou que seu pai tinha uma fazendinha, um sítio.

R – Era uma meia fazenda, um sítio chamado Ceilão, onde a gente conviveu vários tempos. Esse sítio ficou dentro da cidade, é da minha irmã hoje. Está lá no mesmo local só que a cidade foi expandindo, foi crescendo e o sítio está quase no meio da cidade.

P/1 – O seu pai plantava o que nesse sítio?

R – Mandioca, tudo que fosse de legumes, batata doce, aipim, inhame, milho, feijão, abóbora, quiabo, maxixe, tudo que existe, nós tínhamos.

P/1 – Plantava para a própria subsistência?

R – Plantava para o gasto da casa e para vender.

P/1 – Ele vendia na própria cidade mesmo?

R – Vendia na cidade mesmo. Ele comprava gado em pé e vendia no açougue que tinha um açougue dentro da cidade, nas bancas lá. Ele comprava o gado em pé, levava para a meia fazendinha que ele tinha, dava aqueles bois magros, engordava, quando estava gordo ele matava e vendia no açougue. Aqueles que eram bom de carro, que ele tinha um carro de boi, com seis bois puxando. Depois o tempo foi passando, nós éramos em 17 irmãos, uns foram casando, outros foram saindo. Aí aqueles irmãos que foram saindo, foram fazendo falta porque ele aceitou o que fazia, ele pegou de seis, a fazendinha, as vacas de leite venderam tudo, o carro de boi também vendeu e ficou no sítio do Ceilão, plantando, com duas vaquinhas para dar de que comer e leite bem cedo, e ficou ali, os filhos foram embora todo mundo, ficou só ele e a velha só. Aí ele vendeu o sítio e ficou dentro da rua da cidade, no centro da cidade. Há três anos, ele veio a falecer e minha mãe comprou uma casa na cidade.

P/1 – O senhor falou que o seu pai tinha 17 filhos, o senhor é o mais velho?

R – Dos homens eu sou o terceiro para chegar no último.

P/1 – O senhor é dos mais novos?

R – É.

P/1 – Todo mundo ajudava a plantar? Conta para nós como era o dia-a-dia.

R – O dia-a-dia era gozado. Eu não posso nem lembrar que dá saudade. e todo mundo ia plantar, corria todo mundo com aquela enxadinha para abrir aquelas covas para plantar feijão, milho. Ia todo mundo, as minhas irmãs, tudo. Quando chegava meia hora, uma das irmãs vinha para fazer o almoço para aquilo tudo. Todo dia tinha 14 – 15 pessoas trabalhando, entre vizinhos, aqueles que ganhavam dinheiro para fazer o serviço, e nós no meio. Quando vinha, vinha todos com a perna da calça arregaçada, com o chinelo descalço e a enxada nas costas para almoçar. Almoçava, aí tinha aqueles pés de cajueiros, de mangueira, no verão a gente caía debaixo e descansava, daí a pouco pegava a enxada e virava para lá de novo. E quando era tempo assim que o serviço era meio pouco, aí meu velho falava: “Tem jogo na cidade, mas só vai aquele fazer aquela tarefa ali.” Aí ele dava 5 carreiras de mandioca para limpar, cada carreira tinha 20 covas, 5 para um, 5 para outro, 5 para outro, para fazer nós três, senão não ia para o jogo. Eu levantava bem cedo e ia lá, quando já estava no meu horário, já estava tomado banho e ia para o jogo na cidade. Os outros ficavam por ali, não faziam nada e iam para o jogo também. Eu falava “Carlinho, tu não fez nada daquilo e porque tu vai pro jogo, pai vai te pegar lá?” Ele dava carinho, mas também dava surra pra valer. Aí o Carlinho ia, o time estava jogando, e o Carlinho estava lá no meio e vibrando, e vibrando, e o meu pai procurando ele porque ele não fez o serviço, não podia ir para o jogo. O velho era carrasco. Ele pegava pela camisa, ele abria os braços, o pai ficava com a camisa na mão e ele se mandava. Aí nós “tirávamos sarro” a semana inteira. Se tu não acabar o serviço, tu não vai no jogo domingo. Todo domingo tinha jogo. Era uma vida boa, a gente ia para as festas, o velho levava e trazia a gente. Com 18 anos a gente não andava sozinho porque o velho não deixava. Era diferente. Nós fomos criados num rigor assim, pau é pau e pedra é pedra; não vai, não vai; vai, vai, vai. Tinha alguma festa na cidade que era pertinho. “Pai, vou para a festa.” “Vai, mas dez horas em casa.” Aí tomava banho, se aprontava. Eu, minhas irmãs, todo mundo. Se se aprontasse e você pedir, ele já não deixava: “você pôs os carros na frente dos bois, o que puxa o carro são os bois e não o carro puxando os bois, então vão todos dormir”. E ninguém brigava não, ia dormir. No outro dia, amanhecia cedo, aí ia ter uma festa com dois dias, nós já íamos pedir antes. Ele ia lá e levava a gente, chegava lá, deixava a gente na festa, e falava: “Tal hora vocês voltem para casa.” Hoje é que eu vejo, tenho uma filha com 24 anos em casa e falo “Vanessa, tu vais pra festa?” “Eu não.” “Vai para tal lugar?” “Eu não.” E ficava nessa, nunca foi para um cinema, pra um baile, nunca fumou. Casou desse jeito. Tem vizinha lá com filha de 14 anos, sai para baile e só chega no outro dia cedo, o pai e a mãe não sabe o que fazer. O tempo vai passando, vai mudando. Tudo dignifica um passado. Mas a turma fala que viver do passado é sofrer duas vezes, mas tem passado que é o futuro do amanhã. Você se lembra do passado que aconteceu? Passa para o futuro. Eu me lembro muito da minha infância, que eu fiz eu me lembro.

P/1 – Você lembra de alguma peraltice que você tinha feito?

R – Eu não me lembro porque eu nunca fiz. Eu fui criado com 17 anos dentro de casa, meu pai nunca me bateu, minha professora nunca me bateu. Trabalhei para o dono da loja, nunca me chamou a atenção duas vezes, nem três. Eu vim de lá, eu cheguei aqui, até hoje eu mantenho meu comportamento como eu posso. A vida é minha, não é de ninguém. Se eu posso viver aquela vida, é a minha. Eu não tenho inveja de ninguém que tenha as coisas. Minhas irmãs apanhavam, meus irmãos apanhavam, se agarravam na porrada os dois. Meu pai batia num, batia noutro, minha mãe batia por demais nas meninas, quando eram mocinhas. Por que? Porque elas mereciam. Elas faziam tudo para merecer apanhar. Eu não me lembro de traquinagem nenhuma porque eu fui muito humilde, fui muito brincalhão. Até hoje não gosto de cara feia, nem beliscão, nem de tapa em ninguém. Brinco muito. Adoro todo mundo, seja cego, aleijado, ou o que for. Mas tapa, beliscão e cara feia não é comigo. Eu fui criado assim, nunca me agarrei com ninguém.

P/1 – O senhor estava falando de escola, o senhor começou a frequentar escola lá na sua cidade, com quantos anos, o senhor lembra?

R – Oito anos.

P/1 – E a escola era perto?

R – Era o Grupo Escolar Guilherme Campo, na cidade, um grupo muito bom que ainda hoje está lá. Foi formado muitas pessoas naquele grupo. Ele era perto assim, de onde nós morávamos do lado da cidade e tinha que atravessar a cidade todinha para ir para esse grupo. Tinha lugar que não ia pelo centro da cidade, ia por fora da cidade onde passa os animais. No inverno chovia muito, enchia de lama, eu catava um tamanco de madeira, enfiava no pé e lá ia. Chegava na lama, passava descalço, na frente calçava o tamanco de novo. E assim foi minha vida. A turma não tinha lanche nem nada, eu pegava um pedaço de cuscuz, uma coisa qualquer, enrolava de papel, era o lanche do recreio. Hoje é diferente, se não desse cinco contos não ia para a aula. “Quero isso, quero aquilo.” Aquele tempo era um tempo pobre, mas era humilde, não é aquele camarada que não tem nada mas quer ter tudo. Tem gente que não tem nada e quer abarcar o mundo sozinho. Tem que ser o que pode ser.

P/1 – Como era a casa que o senhor morava, era grande? Descreve para a gente.

R – É grande. Nós começamos numa casa de madeira tapada a taipa, acho que vocês não se lembram nem nunca viram uma casa tapada a taipa. E nem nunca viu fazer. Fincam os paus, que nem fosse uma casa de madeira aqui de Santos. Põe umas varas por dentro e por fora e amarra com cipó que é tirado do mato e vai amarrando. Finca uma vara lá e outra cá, que nem meus dedos e faz aquele buraco de barro, enche d’água e nego sapateia ali que nem fosse uma massa para tapar parede, vem com aquele bando de barro e põe dentro daquelas brechas que tem as varas, e vai tapando. Essa nossa casa foi assim, mas era uma casa com três quartos grandes, dois quartos dormiam minhas irmãs, que eram todas moças e nos outros dormia a gente. Tinha a área onde tinha o depósito para pôr algumas coisas, tem a garagem do carro de boi, podia vir um Cadillac que o carro de boi ficava lá dentro da garaginha dele. E tinha os telhados para fora, que ficavam os cachorros que meu pai tinha. Com certos tempos as cumeeiras dessa casa vai quebrando, vai dando cupim na madeira, vai apodrecendo as madeiras e fica só o barro. Meu pai falou “Essa casa vai cair” porque o feijão lá é arrancado da terra, deixa em cima da terra, amarra, faz aqueles moinhos, deixa em cima da terra. Quando ele começa a murchar, você pega e carrega para dentro de casa. Tira os pauzinhos assim que chama manaíba, corta os toquinhos da grossura de um dedo, já trepa na vara do teto e deixa lá secar aquela folha e fica só a “baje”. Aí tira dali para vender, guardar ou para fazer alguma coisa. Mas é seco dentro da casa, numa área coberta. Como não tinha área, colocava dentro da casa. Aí a casa já estava ficando velhinha, meu pai falava que ia quebrar a cumeeira e matar todo mundo, vamos desmanchar. Desmanchou e fez uma maior de bloco, ainda hoje está lá, minha irmã que mora. Bonita, com área, com isso e com aquilo, mas minha irmã que mora. Mas morava esse povo todo lá dentro. E no jantar ou no almoço, a cozinha do tamanho disso aqui, o fogão de lenha ou o fogão a gás. O de lenha foi feito de bloco e o a gás ficava do lado para quando a lenha tivesse molhada, uma coisa rápida, ligava o a gás. Uma mesa que cabia, vamos supor, 15 pessoas, na hora do jantar metade ficava na mesa, metade ficava por ali nos banquinhos ou não, comiam todos de uma vez. Era gostoso. O almoço e o jantar era aquela festa, aquele converseiro, aquele diálogo. Mas isso é quando a família é estruturada e pode ficar todo mundo junto. Tem família que um irmão não pode olhar o outro, o pai tem bronca do filho, o filho do pai. Mas naquele tempo não, era sempre ali. Era um sossego porque era um sítio grande, nós fazíamos aquele serviço. Nos divertíamos, nós passeávamos, meu pai e minha mãe nunca foram pessoas que não ajudasse a gente, sempre estava do lado da gente, sempre dando aquela proteção para o filho, e conselho. Meu pai sempre falava pra gente quando saía “Olha, quando vê um mundo de gente na esquina, não chegue perto, se perguntar se você viu, não vi; se você sabe, não sei. Não sei, não vi, e não se escreve.” E foi o lema da gente todo, de não se comprometer com nada que não tivesse necessidade. E nós vivemos maravilhosamente um tempo muito bom, depois de 18 anos foram se afastando, casando e o velho ficou só.

P/2 – O senhor mencionou jogos e festas, essas festas eram de quermesse?

R – Quermesse, reisado, leilões, novenas, via sacra. Via Sacra para quem não sabe é na Quaresma inventam como se fosse os crentes daqui, enrolam a cabeça todinha, só ficam os olhos de fora e vai para as esquinas rezar. Tem uns lenas bonitos. Vão aquelas 12 pessoas, homens e mulheres. Tem as novenas na Quaresma, tem as procissões. Tem uma procissão de um santo na Quaresma mesmo, tem a reza, tem a missa, às 8.00 horas da noite acaba a missa, pega aquele santo, uma procissão, chega na tua casa e deixa aquele santo. Amanhã tem a missa de manhã, vai na tua casa pega aquele santo que estava na tua casa e leva para a igreja. De tarde tem outra missa às sete horas, vai até as oito, pega o santo e leva para a casa dela. Cada casa tem uma mesinha de fora, com umas velinhas e um jarrinho de flor para receber o santo. Isso é maravilhoso, dura sete semanas. É lindo de morrer aquilo ali. Eu passei o ano passado eu estava lá. A turma fala João - Maria, José - Maria, isso é o lema da igreja da cidade. Não tem nada de mais, nem de menos. Eles acostunam com uma festinha, com aquela procissão, com um terço, com a Via Sacra, é um acompanhamento. Acompanhamento aqui é um monte de gente andando pelo passeio. Lá é uma festinha com santo, um homem tocando a gaita, tocando zabumba simples e vai até a casa daquela pessoa rezar. Se você achou bonito rezar, benzer, vai para sua casa também. Sai daquele local e vai para aquele outro local. Muito bom o local, cidade pequena, sempre tinha uma festinha e o bom que não tem briga. Você passa um mês lá, dorme no meio da rua, senta na praça, não vem um ladrão, não tem uma briga. Hoje já está mais diferente um pouquinho. Tem a cidade lá que já tem umas briguinhas, o pessoal é mais briguento. Mas Campo do Brito, Lagarto, Vila Nova, Ribeira, Tapera da Serra, essas

cidadezinhas pequenas do povo humilde, difícil ver briga.

P/1 – O senhor lembra das brincadeiras da sua infância lá no Campo do Brito, que brincadeiras vocês faziam lá.

R – Tinha uma brincadeira engraçada. Ainda hoje estava citando. Quando chegava domingo, a gente juntava o povo todo da redondeza ali da vizinhança e vamos fazer um quebra pote. Quebra pote é um pote mesmo de barro, vocês conhecem, nessas casas aí tem, feito de barro bonitinho, tem aquela boquinha que tampa. A gente pegava o gato mais bravo da cidade, colocava dentro do pote, amarrava a boca do pote com um pano, amarrava com uma corda, fazia assim como uma trava de futebol, fincava dois paus, pendurava o pote lá, ali nós contratava um sanfoneiro, ajuntava, e comprava uma pinga de todo tipo e fazia um forró. Tinha dois candidatos que era para quebrar aquele pote, mas com a venda no olho. Quando acabava o forró, quebrava o pote que era para ter mais forró até acabar a festa. Então todo mundo comendo, bebendo, tinha bolo, tudo feito com a bolsinha que a gente ajuntava de domingo. O gato está lá dentro do pote. Quando ia o cara todo comendo, saía batendo, não achava. Primeiro mostrava, ele com a vista destampada, depois tampava e ficava doído sem saber onde era, saía com o pau, e todo mundo rindo vinha pra cá, ia pra lá, e o pessoal rindo. E levava um tempão que era para se divertir. Quando ele acertava no pote, que quebrava, o gato corria e todo mundo ia comemorar, foguetes, arrasta pé, comer e beber e o forró corria solto. Tem também o leilão. O leilão era mais para a gente ganhar as meninas da cidade. Tem leilão na casa de fulano, colocava aqueles prêmios e você ia tirando como que eu vejo aqui para ajudar alguma festinha, arrematar alguma coisa. Fazia um monte de coisa: melancia, abóbora, batata, inhame, tudo embaladinho, ia na padaria eles dava aqueles camaleão de massa, bolo, pão. Tudo ali que era para arrematar para vender, que nem um leilão daqui. “Camaleão, bonito.” O namorado daquela menina, que tinha mais dinheiro ia arrematar para comer: “Quanto é?”, “Dez”, outro: “Dois mil réis, três mil réis”, até chegar no final. Às vezes, um pé de chinelo, que não tinha nem namorada, com raiva é que ganhava. Aí todo mundo voava em cima para comer. Tudo amigo. Nós íamos nessa festa só pelo sarro, a festa que tinha sempre um forró. Toda vez que arrematava algum prêmio, quem arrematava tinha direito a dançar. Aí dançava ele e mais gente. A gente ia todo dia. O reisado, outra festa animada. São 24 componentes, 12 mulheres e 12 homens, fazendo aquela festa. Eu já vi uma cena da festa de reisado passando na televisão, muito bonita a festa. É tudo em sítio, fazenda, em rua pequena. Muito bonitas as festas. Às vezes eu fico pensando, aqui as festas são muito bonitas, ajeitadas, mas não é como eram as festas que eu ia quando eu era moleque. Umás festas animadas, não tinha briga, nós íamos para namorar aquelas cocotinhas, ninguém arranjava ninguém e voltava contente do mesmo jeito. Agora as novenas e as procissões, são festas de devoção da cidade, todo mundo ia rezar, se confessar, se comungar, tudo isso, mas era a festa devota da cidade. E fomos criados tudo assim. Hoje está diferentinho um pouco, vai tudo se modificando, tudo mudando do estilo. Mas sempre tem

P/1 – A sua cidade é longe de Aracaju?

R – Não, é como a distância daqui na Serra.

P/1 – Vocês iam muito a Aracaju?

R – Ia. Eu me criei posso dizer, dentro de Aracaju. Eu ia muito para Aracaju, eu e meu pai. A gente vendia feijão, farinha, arroz, numa barraquinha que a gente tinha nesse mercado grande onde caiu há pouco tempo. Trabalhei muito com meu padrinho lá, nessa barraca que eu citei, que era uma barraca de feira, nós íamos para lá vender. A rodoviária velha que fica na Rua Bonfim, é numa reta só, eu me hospedava na 618. a casa ficava bem aqui e a rodoviária bem em frente. Eu ia na segunda e voltava na quinta. Daí ia no sábado e voltava na segunda. Toda semana estava em Aracaju. Eu vi a praia de Aracaju que não tinha uma casa. Era só mato, laranjeira, coqueiro, bananeira. Nós andávamos naquela praia como daqui a São Vicente sem ver uma casa. Eu vim para Santos, eu namorava a filha do Seu Otaviano, da rua Bonfim 618 e nós íamos para a praia, eu e o irmão dela, de bicicleta, depois ia para o aeroporto de bicicleta, depois voltava para a cidade de bicicleta. Ficava ali encostado ao Hotel Palace. Foi o primeiro Hotel de Aracaju, tem 12 andares. Ele era empregado do elevador do hotel. Eu namorava a irmã dele e ele namorava a minha. Nós íamos para o terraço do hotel, lá em cima, de tarde para olhar a cidade. Era muito bonito. De noite nós íamos para o Atalaia que hoje está uma praia, a maior maravilha. Estive lá há dois anos e está um encanto, tem até o nome da praia é José Sarney. Você paga um conto para entrar na praia. Mas lá você não vê um palito de fósforo. É linda, linda, linda. Agora tem a praia dos farofeiros onde você esquentar comida, faz tudo, que nem a do José Menino.

P/1 – O senhor estava falando de namorada, conta um pouquinho como era o namoro no Campo do Brito.

R – Namoro era meio esquisito, era namoro não, era uma conversinha de longe a longe. Porque não tinha namoro naquele tempo. No tempo que eu era moleque, o namoro era a moça aqui, a mãe ali e o pai aqui, naquele sítio. Na cidade era a mesma coisa, ninguém vê um agarrado e se beijando. Meu pai mesmo conta que veio beijar a minha mãe no dia do casamento. E aquele beijinho simples. Meu pai contava pra gente, contava a vida dele. O casamento era numa rede, amarrava uma rede dessa aqui de dormir, num pau grande. O noivo numa rede e a noiva noutra e o povo carregando no ombro, na volta vinha os dois numa rede só porque já estavam casados. E o namoro era pelo buraco da fechadura, via a moça uma vez no mês. Eu digo porque eu namorei muito lá. Entrosei o papo com muita menina e nunca cheguei a dizer que abraçava. Depois que eu vim a primeira viagem aqui e voltei, aí cheguei lá e noivei, carregava a noiva para todos os cantos, ia para Aracaju para os restaurantes, mas eu já estava estruturado de viagem, moda minha melhor. Passei aqui quatro anos só do comércio. Já deu para se estruturar melhor. Mas naquele tempo de roça, menino de roça hoje já sabe namorar. Já sabe que é um casamento, hoje. Mas, uns tempos atrás não sabia. Namorava por namorar. Eu digo porque minhas irmãs todas era o pai aqui, mãe ali, eu ali, e o papo era para todo mundo, namoro é o papo de homem para.. de dois, do casal, né, e ali o papo rolava para todo mundo e meu pai falava assim, quando chegavam para namorar, que minhas irmãs apresentavam: “ó pai, esse daqui é o meu futuro noivo”, aí meu pai chamava ele em particular e falava: “sabe o lema daqui qual é?” “não”, “olhe, chegar cedo e quando for nove horas, quando eu disser: “Marina, me de uma gamela”, olha, pé na estrada”. E agora eu digo, o que uma gamela aqui? Vocês nem sabem, nem imaginam o que é uma gamela, a gamela é um pau que corta metade e cava metade assim e fica que nem fosse uma bacia, a madeira grossa, fazer aquele vão no meio para encher d'água, e meu pai quando chegava da roça, pegava aquela água do pote ou do poço, enchia a aquela câmara d'água e ficava com o pé dentro, batendo para amolecer aquela terra, né, que vinha da roça, grudado no sapato. Quando

pedia a gamela com a água, o namorado falava “Tchau, Seu Dias, tchau D. Marina, até amanhã” Ficava desconfiadinho, sentava lá e a moça acá e rolava o papo. Pai olhava para lá, olhava no relógio, nove horas e o cara não se tocava. Marina, pega minha gamela lá, era mesma coisa que pegar o revólver, o cara óh... hoje não tem isso. O pai vai dormir, a mãe vai dormir, todo mundo vai dormir e a menina fica ali contando suas idéias, contando suas mazelas, contando alguma coisa, que é a hora que ele vai contar. O silêncio faz parte da recuperação, então é a hora que ele vai lembrar. Às vezes nós todos conversando juntos, às vezes eu tenho um assunto para contar e não dá e se parar e ficar só dois ali, aí lembra, aí vai contar aquele assunto. O outro vai escutar, quando chegava assim, ouvia todo mundo. Hoje o pai e a mãe dormem, os irmãos, a moça fica lá e via quando que, tem mais liberdade, é mais uma coisa aberta.

P/1 – O senhor lembra de alguma namoradina que o senhor teve lá?

R – Lembro muito, essa Maria e outras filhas do Seu Jorge, nós íamos lá pelo meio da malhada, as mandioquinhas desse tamanho, ia brincar de se esconder, de noite aquela lua bonita no sítio, aquelas mandioquinhas assim, juntava 10 – 12 ia brincar de se esconder, caia lá, se perdia até um do outro, era tudo namorado. Subia nos pés de jabuticaba para atirar jabuticaba, as moças não andavam de calça comprida ou de shorts, era só de saia, e ninguém ligava. Ia para as cacimbas tomar banho, os homens tudo de short e as meninas de shortinho e quase só de sutiã, ninguém ligava, naqueles açudes. Hoje não tem isso. Chegava: “Vamos para a casa de fulana, ficava 15 dias na casa da namorada.” Era mesmo que nada. Vinha para minha casa, ficava 15 dias a namorada. Era o intervalo do colégio no mês de julho, dava 20 dias, um ia para casa do um ou um ia para a casa do outro, nós ficávamos ali. Hoje o namorado quer estar todo dia com a namorada passeando, numa pizzaria, no carro, andando. Lá nós andávamos mas era um namoro simples. Só bate boca e casavam. Minha irmã ela namorou mesmo com 17 anos, essa mais nova, sem ser a mais nova para chegar a mais nova, namorou com 17 anos, com 18 casou, teve 18 filhos, todos são vivos. Esse rapaz é o marido dela até hoje. Minhas irmãs todos os maridos que teve do começo do namoro, são os maridos até hoje. Não teve uma para ter dois filhos, seis, dez, doze. O mínimo que tem sou eu. Meu irmão quatro, eu tenho dois, a minha irmã de Osasco tem cinco, a outra irmã teve um em São Paulo e a outra irmã do Ibirapuera teve cinco também. Lá são dez ou doze. Minha mãe naquele tempo tinha 78 netos, em 1970 eu trouxe minha mãe aqui para Santa Casa para internar, o patrão quis ir lá, eu ia levar minha mãe de volta. “Eu vou conhecer Campo do Brito” e foi com a gente, ele e um primo, quando ele viu aquele mundo de criança ele perguntou “Dona Marina, são todos seus netos?” “É uma terça parte, amanhã chega o resto. Tudo vizinho, mora ali, outro lá, outro lá, aí quando chegou aqueles netos todos ele ficou doido. “Dona Marina, como é a senhora faz para abençoar todos eles, abençoa todo mundo junto como padre na igreja ou pega na mão?” “Se pega na mão tem que ter luva senão gasta os dedos.” Tudo vivo, bença voinha, bença voinha... uma criação fabulosa. Hoje, um pai de família com 12 filhos dentro de casa, o que ele seria aqui dentro de Santos, ia ter sempre uma ovelha negra dentro daquela família, seja mulher ou seja homem, para fumar uma maconha, para fazer uma coisa diferente. E ali não, cria naquele lena, tudo bom. E a velha está viva, graças a Deus, com seus netos tudo em volta. Quando ela está meio invocada, os netos vão lá brincar com ela, mexer com ela, pessoa com 90 anos não quer mais brincadeira com ninguém. Mas vendo os netos do lado, ela fica feliz.

P/1 – Conta porque o senhor saiu de Campo de Brito para vir para cá.

R – Foi mais ilusão. Eu trabalhava, trabalhava, tinha dinheiro, tinha uma vida boa e deu na mente para conhecer Santos. Eu escutava falar muito em Santos. Meu irmão já estava aqui, minha irmã já estava aqui casada, no Morro de Pacheco. E tinha o Pau de Arara que saía, toda semana saia dois, um na segunda e outro na quinta. Pau de Arara era aquele caminhão coberto com uma lona rente a carroceria. Eles colocavam coco ou feijão para ficar rente, ali eles cobria, passava a lona e todo mundo vinha sentado lá em cima. Vinha 35 pessoas cada vez. Sentado, não era deitado não, era sentado que era para dar lugar. E quando saía, saía sempre às 10 horas da noite, a cidade era uma festa desgraçada, ninguém dormia, era uma festa a saída daquele pau de arara. Não tinha ônibus naquela época, tinha só uma empresa em Aracaju e assim mesmo muito pequena. A estrada era de barro, de Santos a Sergipe era de barro, não tinha pista. Aí deu na telha de vir. Minha mãe: “não vai, não vai, não vai...” Eu peguei um dinheirinho na carpintaria, embolsei, mandei fazer uma camisa de lã e fui lá comprar uma passagem de pau de arara para vir. Quando fui comprar passagem era o Zé de Mantinha, que era compadre de minha mãe que era o motorista do pau de arara. Ele falou: “Quer ir, vai comigo, paga nada não. Vamos!” Cheguei em casa e falei “Mãe, eu vou para Santos.” Para quê! Em casa eu era muito querido, minhas irmãs era tudo pendurada em mim, vai fazer isso, me dá aquilo. “Vou para Santos.” Arrumei a mala, aquela mala, eu não tinha mala, tomei emprestada do vizinho uma malinha de madeira, não tinha mala de couro que nem tinha. Uma malinha desse tamanho de madeira forrada de papel, eu peguei enchi de roupa, enfiei dentro de um saco e lá se fui eu, um chinelinho japonês no pé. Cheguei em Santos sem chinelo, caiu na viagem. Quando parava nos postos para abastecer e dormir, todo mundo dormia no chão, metade em cima, metade no chão debaixo do caminhão. Parava num lugar, chovia, aquelas ladeiras de barro, tinha que descer todo mundo e ir a pé por dentro do mato e o caminhão ia subindo pela lama. Quando chegava lá na frente chegava a gente com os pés cheios de barro. Mas como era lama, no outro dia parava na beira do rio, pegava um pano e limpava todos os pés de lama. E vinha os papagaios, os louros, tudo pendurado atrás do caminhão, trazia gaiola com papagaio, louro, periquito e vinha uma gritaiada dentro daqueles papagaio, que a gente não dormia, você chorava de rir, era uma diversão disgramada. Quando eu cheguei aqui no pé do morro eu disse “Eu vou voltar.” Eu achava a viagem tão boa, 18 dias. Eu achei tão boa que eu queria voltar no mesmo pau de arara. “Você veio para ficar, não veio para voltar.” Eu me lembro que o caminhão estava andando, estava um calor danado ele parou debaixo de um pé de árvore e não tinha água. Eu cortando aquela jabá para comer com farinha seca, me deu uma sede miserável, eu avistei uma casinha lá longe no meio do mato. “Vamos pedir água lá?” estava com um conterrâneo comigo. É longe rapaz, e se tiver cachorro? E fomos, lá longe, pegamos uma varetinha. Chegamos perto da casa assim, tinha cinco menininhos, de shortinho, com a barriga desse tamanho, tudo numa tábuia em cima de dois caixotes. Chegamos, batemos palma, os molequinhos saíram na carreira lá para dentro, suniu. Agora eles vão buscar os cachorros, ficamos longe. Daí a pouco saiu uma morena da porta, a gente batendo palma. “O que vocês querem?”, “Dona, a senhora tem uma aguinha aí para nós?”, “Tenho.” Foi lê e trouxe um balde com um caneco dentro, d’água velha preta, suja. Mas a sede era tanta que tomamos dois copos daquela água, quando chegamos no caminhão estava com sede de novo, com um calor de 40 graus e comendo aquela farinha seca com jabá salgado, foi uma aflição. Aí parava na beira do rio. “Vamos tomar banho?”, “Vamos.” Eu sei nadar, vocês sabem? Se não sabe, não entra senão morre. Aquele rio cheio, vestia um short e pá na água, e bebia água, bebia para umas duas horas ou três ficar sem pensar em água. Tomava banho ali. Parava perto das cidades, ia nos botecos e pedia água, comprava alguma coisa, pedia para tomar banho. Eu sei que foi uma viagem que eu dizia “Como é bom!” Essa foi a primeira vez, a segunda eu fui de ônibus, pegava o ônibus lá na Praça Clóvis em São Paulo, eu comprei a

passagem aqui em 1966. Aí peguei a mala e lá se vou, peguei o trem na estação Sorocabana, desci lá e fui. Ah, como foi dolorida essa viagem, saímos de São Paulo a uma hora da tarde, quando chegou quatro horas o ônibus quebrou, um ônibus Diplomata novinho. Quebrou no meio do mato, que só tinha brocosó para um lado, brocosó para outro. O ônibus ali, ninguém podia descer do ônibus, era dezembro, um calor disgramado, iam 15 crianças pequenas dentro do ônibus, as mulheres brigando com os maridos, maridos brigando com as mulheres. Bolacha ninguém queria comer porque dava sede, não tinha onde beber água. Tinha dois motoristas, um voltou para São Paulo para pegar outro ônibus e nós dentro do ônibus, tudo fechado. O motorista falou: “não pode nem abrir a porta porque as onças comem nós. Ficamos ali de cinco horas até meia noite dentro do ônibus. A meia noite veio outro ônibus, nos transportou para um restaurante mais próximo para jantar e eles ficaram consertando aquele. Eu pensei “Meu Deus, é a primeira viagem deste jeito já?” foi ruim. Na volta eu vim já num melhorzinho, mas o banco solto. Quando brecava, o banco caía e eu caía debaixo do banco da frente. Eu procurava um cordão para amarrar, mas ferro amarrado com cordão não segura. Uma menina veio sentar no banco e cada vez que brecava, quebrava, foi uma risadaria só de lá até cá. Aí eu fui viajando eu fui 5 vezes de carro. Ainda bati o carro em Volta Redonda, quase morro. Arranquei o lado todinho do carro, porta, pára-lama, calota. Ficou tudo dentro daquela ponte onde passa o trem em Volta Redonda. Viajei 3.100 km com carro sem porta, era um Maverick novinho. Foi um tormento aquela viagem, cheguei em Campo do Brito não tinha peça para o carro, voltamos para a Bahia com o carro sem porta e um guia da polícia rodoviária. Colocamos em Itabaiana e ficou 31 dias o carro consertando para a gente voltar. A escolha foi se indo, foi se indo que hoje eu não acho Sergipe longe. Peguei o ônibus hoje, quando vejo estou no Campo do Brito, tão rápido que não dá vontade de tirar a mala e voltar no mesmo. Eu adoro viajar de ônibus que tenha gente. De avião eu não faço caso. Entrar aqui 10 horas e chegar lá a uma hora, para mim não é viagem.

P/1 – Essa primeira viagem foram 18 dias?

R – Para vir para cá foram 18 dias. Agora em 1966 já o ônibus demorava mais, eram 50 – 50 e poucas horas de viagem, hoje eles fazem em 48 horas, porque tem os motoristas de parada. Sai daqui, para em Aparecida, troca de motorista, seis horas depois troca outro, os motoristas estão sempre descansados.

P/2 – Essa viagem de 18 dias, o senhor lembra o ano que o senhor fez?

R – Essa foi em 1964, a primeira.

P/1 – Quando o senhor chegou aqui em Santos, qual foi o impacto que o senhor teve?

R – O impacto foi de horror. Quando parei no pé do Morro do Pacheco e vi aquelas valas d’água, a rua feia, eu vi aqueles casebres logo ali, meu primo ia passando e o motorista de caminhão falou “Aquele ali é seu primo!”, “Chegou um primo seu e vai lá para a casa o Carlinho, que era o meu irmão e minha irmã.” “O que leva lá para cima?” “A mala, esse saco de farinha e minha mochila.” Ele catou logo a mala, a mala tinha só duas roupas dentro, me deu o saco de farinha desse tamanho, eu tinha só 18 anos, ainda fraquinho. Pega o saco de farinha. Pega o saco de farinha você. Eu pus nas costas, pensei que eram só dois degraus. Era a última casa do morro lá em cima. Tinha degrau que vinha no meu nariz, tinha que subir. Olhar para trás não dava porque caía, dava tontura. Eu cheguei lá em cima quase sem fôlego, sem fala. Dezesseis dias descendo e subindo, não estava empregado, porque eu vim mais para passear. Entrava pela Conselheiro Nébias, saía pela Ana Costa, entrava pela Ana Costa, saía pela Pinheiro Machado, onde tinha avenida eu ia para não me perder. Fiquei 16 dias assim, com 16 dias eu arrumei a mala e falei para minha irmã “Agora eu vou embora.” O meu cunhado que agora tem rincão lá em Alphaville falou: “Arrumei emprego para você, lá no Seu Maneco, que era um lugar que ele comia, ele trabalhava com negócio de construção, “ele está precisando de um rapaz lá, trabalha dois meses depois tu vai embora.” Eu para obedecer meu cunhado, ele sempre foi bom comigo. Eu fui lá falar com Seu Maneco. Ele olhou para mim, perguntou de onde eu era, aí o português falava “Você vai fazer isso, isso, isso.” Eu ia fazendo o que ele ia falando. Depois os empregados iam saindo, ele me trocando no lugar dos outros e eu ficando ali. Eu comecei ali ganhando oito contos, que eram oito mil réis, passou para nove, passou para onze, passou para 13, passou para 16, pulou para 21, e eu lá. Quando o salário chegou no 21, no mês de agosto eles venderam a casa. Eu estava com quatro anos e quatro meses. Ele me chamava de Castelinho, porque Castelo Branco estava no poder. Me puseram o apelido do filho do Castelo, o Castelinho. Oh Castelinho, agora você vai ficar com esses aí. Os meninos que compraram a casa eram o dono do Cruzeiro do Sul, ali na São Francisco. Aí eu fiquei, de agosto até dezembro. Dezembro, eu doido para ver minha mãe, meu pai, meus familiares, eu falei “Joãozinho, eu acho que eu vou dar um chego em Campo do Brito agora, estou precisando de umas férias de 15 dias ou um mês. Tudo bem, sempre fui um bom empregado para eles, sempre fui honesto, aí ele me pagou tudo, ele me deu dinheiro que eu fiquei doido. Arrumei a mala e fui embora. Quando eu estava com uns 15 dias, foi um conterrâneo meu para lá e falou: “Aquele casa que tu estavas, foi entregue de volta para outro, eles venderam para outro.” Como eu não era fichado, fique namorando. Naquele tempo eu levei dinheiro para ficar sem fazer nada uns seis meses, enchia os bolsos de chicletes e ia para as portas dos colégios paquerar as meninhas. E comecei aquela vida de não fazer nada, só na cidade passeando. Fiquei três meses só passeando. Aí quando chegou nos três meses e eu já estava noivo, olhei para o bolso e o bolso esvaziando. “Antes de acabar eu vou é ir embora.” Falei para meu pai “Tal dia eu vou embora.” “Mas você não veio para ficar?” começou a choradeira de novo, peguei minha mala, terminei o noivado e vim embora. Daí a dois anos fui lá de novo. Quando cheguei aqui, numa quarta feira de cinzas chuvosa, passei lá na Pinheiro Machado e estavam fazendo andaimas para levantar o Teatro Municipal. Foi o dia que mais eu tenho raiva porque quando passo ali que eu velo ali que ia fazer uma casa que eu não sabia que era o Teatro, desmancharam nosso campo de futebol. Nós descíamos do morro, todos nós, meus primos para jogar bola ali, tinha ali uma cachacinha só para quando acabava o jogo, desmancharam tudo, e eu fiquei triste. Aí eu fui lá no Almeida, porque o dono do Almeida ia tomar café comigo. Ele falou para ele “Sabe quem chegou? O Castelinho.” O dono do Almeida falou: então eu vou na casa dele. Eu já morava na Joaquim Távora esquina com a 25, encostado com a Beneficência Portuguesa. Foi lá, eu estava com dente inchado da viagem, eu não posso trabalhar, estou com dente inchado. “Vamos lá no sábado, ajudar na feijoada.” Eu peguei e fui ajudar na feijoada no sábado. Fui na faxina no domingo. Antigamente a faxina era com uma lata que enchia no tanque, carregava uns 30 metros para jogar nas coisas. E eu fiquei lá e quando vi eles ficharam minha carteira, eu fiquei 15 dias com dente inchado para extrair o dente e a carteira já fichada. Conclusão, quando eu falava de sair, ele cobria com uma graninha. Mas Seu Paulo, com esse ordenado aqui não dá para eu casar, 95 mil réis não dá para eu casar. “ não se incomode que eu aumento.” Arrumei uma noiva para casar, “Seu Paulo, como vou casar com esse salário aí?” “Não se

incomode.” E eu só trabalhando. Noivei, casei, ele foi fiador da minha casa naquele tempo, padrinho de casamento, padrinho da minha filha quando nasceu e eu lá. Quando venceu um ano do aluguel, ele me emprestou dinheiro e eu fiz uma casarona lá em São Vicente, com dinheiro dele emprestado. Quando faltava quatro prestações para acabar de pagar, ele falou que era uma porta que estava pondo na minha casa. Eu fui levando a vida assim, assim, até que S.. Paulo vendeu a casa, ficou meio cego, 32 anos trabalhando só de noite e ele vendeu a casa para esses que estão hoje. Eu falei: “Seu Paulo, o senhor vai embora?” “Vou, mas eu vou estar sempre com vocês aqui.” Eu falei para o outro conterrâneo que trabalhou comigo na mesma época. “Eu vou embora daqui, não vou ficar não, entrou dois filhos de espanhol e um português, feio, mal encarado, foi mexendo na geladeira, olhando tudo. O Seu Paulo me chamou e chamou o outro e falou “Irineu, Castelhino, esses aqui são os futuros donos e vocês vão manter o que vocês eram. Nós tínhamos a chave de cofre, chave de gaveta, para pagar a Souza Cruz, mercadoria grande. Ele saía e nós tomávamos conta, eu e o outro. Eu falei “Eu não vou ficar não.” “Cala a boca, deixa vencer os 41 dias, senão eles se arrependem.” E nós quieto, quando venceu os 41 dias, que eles vieram perguntar quanto a gente estava ganhando com os outros patrões, “Eu estou ganhando tanto mais porcentagem em cima.” Nós pagamos. Mas eu não ia com a cara dos dois, sabe aquelas pessoas mal encaradas? “Nós vamos tratar bem, vamos pagar bem, vai ficar no mesmo lema que era, garanto que vocês vão ficar felizes conosco também. Vocês trabalharam 14 anos com esses aí, vai trabalhar conosco também.” Aí venceu os 41 dias, nós recebemos aquele fundo, tudo, aí ficamos lá. Olha, foram excelentes patrões, a casa é boa. Quem disser que o Almeida não presta é porque não conhece a casa. Quem dissera que a comida de lá não presta é porque nunca comeu. Para ter 26 empregados, nenhum reclama, todos são casados, tem carro na porta, tem isso, tem aquilo. A casa nunca fracassa o movimento. Carnaval é ali, de cantor e ator de televisão eu vi todos quase ali. Eu fiquei com esses donos. Ele foi reformando uma coisa e outra, hoje o Almeida, não sei se vocês entram lá, tem ar condicionado, porta de vidro, porta de correr, cadeira acolchoada, mesas bem forradas, um critério muito bom para servir o cliente, porque ali fica próximo do Teatro Municipal. Do jeito eu estava não dava porque você jogava água e vinha para cá. O chão era cheio de alto e baixo. As cadeiras você se encostava ficava sem camisa porque era daquelas cadeira de madeira com farpas que arranca fio da camisa, principalmente de seda. Muitas mulheres perderam as meias. Encostava a perna e rasgava as meias. Puseram cadeiras novas acolchoadas, tudo com direito a mordomia do cliente, fogão à lenha que é um fogão excelente, tem um fogão à gás para cozinhar couve, ovo. Quando vai para refogar vai para o fogão à lenha. A comida é excelente por causa disso. O Almeida é uma das casas de Santos mais velhas. Um dos patrões que mais posaram lá dentro. Quanto mais velho é o patrão na casa, mais orientação tem com os clientes e com os empregados. Patrão que vai mudando, mudando, ele não conhece nem empregado nem cliente. A pessoa parado ali conhece todo mundo, dá pra ver quem é bom, quem não é. Quem paga bem, quem não paga, dá para tirar uma base. É o que o Almeida tem. Mercadoria de primeira, vem ruim, volta. Por isso que o Almeida é em pé. Vinha o pessoal todo do Teatro Municipal, fazer peça ali, e o banheiro era desse tamanhinho, o dos homens. O banheiro das mulheres é desse tamanhinho. Eles compraram o prédio, expulsaram o barbeiro e o alfaiate que tinha lá há 30 anos e puxaram o salão lá para o fundo, fizeram o banheiro das mulheres desse tamanho e fizeram o banheiro dos homens também grande, que dá para fazer um baile lá dentro. Dá para ficar 10 pessoas lavando mão e se penteando, fora as casinhas trancadas. Ofereceu cortina, ar condicionado, som ambiente, tudo bom.

P/1 – Sr. José, o senhor estava falando sobre o Restaurante Almeida, eu queria que o senhor falasse quais os serviços que restaurante oferece, se ele abre o dia inteiro, todos os dias da semana. Como é a rotina do restaurante.

R – A rotina do restaurante é uma rotina muito boa, 24 horas no ar, não fecha. Quando eu entrei lá tinha um movimento fabuloso na madrugada porque tinham as boates, que vinha aquele pessoal todo, cantor e tudo. Nós tínhamos muito trabalho e muita frequência na madrugada, era menor. E com tudo isso, o oferecimento da casa é mais sossegada, naquele tempo tinha muito tumulto. Chegava gente para almoçar, ainda tinha gente da noite, ali rodando, bêbado, levantava meio atordoado. Agora não, agora o ambiente é uma beleza de familiar. Você vai lá, de noite só tem namorados, mulher, marido, filhos. Vai de madrugada é a mesma coisa. Não tem uma briga, não tem uma discussão, não tem uma cara feia. Você se sentindo assim escutando uma musiquinha, um papinho gostoso, é a melhor coisa. Agora você indo para um ambiente, gastar dinheiro, ficar andando para um lado e para o outro, um xingando ali outro querendo pegar um aqui, você nem come, nem fica sossegado e gasta o dinheiro. Lá não, chega, senta e sai, muita gente vai dormir cedo e acorda a meia noite para ir para lá, para amanhecer o dia. Chega de madrugada tem aquele pessoal da Tribuna, aqueles funcionários da Tribuna, os entregadores, para fazer um lanche. Tem muita gente que vem rodando de viagem e vão para lá, jantar. É um ambiente sadio. Muitas vezes eu fui para os bailes, não gosto de ir para lá porque o patrão está vendo se eu chego atrasado, olha estava na farra. Mas como na segunda feira eu estou de folga, no domingo eu vou para os bailes, pego aquelas companheiras tudo e vamos para lá tomar o famoso Caldo Verde, até hoje não caiu de produção, no começo eu perguntava o que é caldo verde? Caldo verde pra mim era uma água com tinta, quando eu cheguei no Almeida eu vim a conhecer. O que é o famoso Caldo Verde? O pessoal dança a noite inteira, farreia a noite inteira, chega no fundo da madrugada, toma o caldo verde, invés de ir para a casa dormir, vai para a praia e passa o dia todo sem ter sono, sem ter no corpo aquela moleza. Isso é muito bom, então eu ia para lá, saía do baile e ia para lá, até amanhecer o dia, sete horas do dia eu estava lá. Uma vez eu me dei mal com o caldo verde, até hoje eu falo, me dei mal porque uma vez tomaram o caldo verde e deixaram a muleta, tinha um cara com muleta de alumínio, ele e um compadre, tomaram o caldo verde, levantaram e foram embora, deixaram a muleta lá, ficou lá mais de cinco anos, vieram jogar fora agora. Outro deixa os óculos, outro deixa não sei o que. Caldo verde faz efeito. Um camarada contou que numa igreja entrou um cego e saiu bom das vistas. S. Jaime falou aqui entrou um aleijado e saiu bom das pernas, que deixou a muleta. Uma vez eu tomei um caldo verde desses e dei três viagens para São Vicente, um calor de 40 graus, eu coloque vinho, azeite, queijo, para ficar cremoso, gostoso, bebi, ainda bebi duas meia cerveja por cima. Entrei no ônibus e deu um pesadelo que eu dormi e dei três voltas no ônibus. Daí para frente é o normal dele, é uma sopa excelente, não tem. Aí parte para o Filé à Daniel, Filé a Parmegiana e mais outros tipos de comida que oferece para pessoa não dizer que está com fome do mesmo jeito. A casa é excelente, os donos ainda melhores. O mal da casa é ser pequena, porque um dos donos é um senhor de idade, ele entrou lá com o falecido dono. Ele pôs outros sócios, depois vendeu. Agora ele pôs os filhos, tinha três filhos estudados: Marcelo, Márcio e Jaiminho, que vinha lá da cidade. Ele pôs os três filhos, ele comprou a parte e ficou com os três filhos. Mas a gente faz uma comparação assim, nós os empregados é como uma casa de família, todo mundo estar junto no serviço, todo mundo estar em tudo. Lá é o pai, os filhos e nós, como família. Os filhos excelentes, o senhor de idade que é o pai, não tem melhor, muito boa pessoa, eu digo que até que é meu segundo pai, porque eu estou lá há 34 anos, nunca faltou nada para mim, serviço não falta, dinheiro muito menos. A vida é muito boa. Se eu saísse de lá, nos tempos que eu queria, o povo que foram me buscar lá, acho que já teria morrido, mas como o serviço é lento, um serviço devagar, um serviço muito comunicativo, as horas vão passando, os dias e os anos. Agora quando eu fui ver na carteira, falta um ano para

aposentar. Que bom, e porque eu perdi os quatro anos que eu trabalhei no outro. Estou com saúde, estou com fé de ir mais uns oito anos por aí e continuar lá. A casa, graças a Deus, e aos fregueses também porque são eles que mais põe a gente lá em cima. Os fregueses que fazem a casa. Tem que ter gente lá dentro, gente para trabalhar e gente para gastar.

P/1 – O senhor é conhecido dos fregueses?

R – O tratamento é muito ótimo porque os fregueses não são fregueses, são filhos da casa. Eu cheguei a carregar criança, por no cadeirão, a dar um pirulito para a criança e hoje ele chega com o filho dele e fala “Esse garçom aqui me pegava que nem está pegando você para por na cadeira. Quer dizer que são filhos da casa, se criam ali dentro, crescem, casam, e voltam com os filhos. Eu digo que é de filho a filho. O freguês passa o cheque eu deixo lá na mesa, venho pegar depois, deixam o dinheiro, pode deixar que está contadinho bonitinho. Se passar outro freguês e vê uma carteira, entrega na mão. Freguês que vai ao banheiro, encontra uma carteira cheia de dinheiro, entrega para nós, não é freguês, é filho da casa. Freguês que vê alguém cair da cadeira, saiu correndo e vai lá cuidar, lá tem médico, tem dentista, tem advogado, tem de tudo todos os dias. Eu sirvo advogado, juiz, médico. Lá eles são amigos da gente. Desde que eu entrei no Almeida eu não tenho nada há dizer, a não ser felicidade e trabalho. Tem que trabalhar.

P/1 – Qual o seu horário de trabalho atualmente?

R – Eu entro às oito horas e vou até as seis. Tem dia que eu faço o horário de um que trabalha comigo, então eu entro às nove e vou até às sete da noite. Mas eu trabalhei muito de noite também, trabalhei das seis às seis da tarde, depois ainda fazia uma limpezinha porque eu tinha 22 anos e ganhava um troco por fora. Agora meu horário mesmo são oito horas, tem duas horas de almoço, tem uma hora por ali. Mas a hora certa mesmo é essa, de bater o cartão.

P/1 – O senhor estava falando do caldo verde, esse é o prato mais solicitado?

R – De sopa é o caldo verde. De jantar mesmo é o camarão à grega, o bacalhau à portuguesa, o filé à Daniel, nossa! É um filé alto, não bem passado para ficar fofinho, com o molho a Daniel, com um pouco de alho em cima, com batata palha, bem crocante e arroz bem branquinho. Tem Linguado, tem o Meca Gaúcho, tem vários pratos. As vezes dá opção para os fregueses, eles ficam meio atrapalhados, pulando de um para o outro. Quando falam em carne eu já dou sugestão dos queridos da casa, se falar tudo, a pessoa fica embananado. As sopas, tem a sopa de cebola, o creme de palmito, creme de aspargos.

P/1 – Seu José, o senhor ganha muita gorjeta lá?

R – Ganho. Graças a Deus tem dia que até me admiro. Tem freguês que vai com a conta certa, tem freguês que vai com cheque pronto, tem freguês que vai para gastar. Tem os três tipos de freguês. Tem muito freguês que gosta de agradar. Como dizia meu avô, é dando que se recebe. Se a pessoa não agrada, como vai ser agradada.

P/1 – Qual o dia ou o horário de maior frequência lá?

R – O dia começa na sexta, começa ao meio dia e vai até as três ou quatro horas da tarde. Tem dia que é na terça que é dia de dobradinha, que é um prato bom, então vai até de tarde. Mas sábado e domingo é tanto a noite quanto o dia é sempre lotado, quando pensa que está vazio, enche de novo.

P/1 – Vocês fazem reserva, o freguês pode fazer reserva?

R – Não, não pode porque. Às vezes fazem uma reservinha. Essa semana fizemos uma reservinha de 17 moças da Santa Casa. Mas quando reservamos mesa, logo loto todas as mesas em volta. Mas quem vai comer em turninha, não vai comer com pressa, apesar que eles pediram os pratos antes, para quando chegaram estar tudo prontinho, engatilhado. Mas uma vez eles exageraram um pouco, foram 21 pessoas e tomaram o salão todo, o salão ficou maior parte perdida. Nós damos preferência mais para o cliente que é trabalhador, que todo dia está ali do que um cliente que está fazendo aniversário. Aniversário é de ano em ano. A casa não paga as contas de ano em ano. O aniversariante tem que procurar um lugar mais adequado. A frequência do aniversário como é, aquela coisa reguladinha e aquela hora.

P/2 – Você falou das contas pagas mas tem o dia da pendura?

R – O dia da pendura foi bom, porque todo ano eles inventam uma coisa para fazer, sempre tem uma pareidinha para pintar, uma limpezinha para fazer, uma torneira para mudar. A casa vazia é mais fácil de descobrir a limpeza melhor. Então eles fazem isso, batem na porta, a casa está fechada, porque se o estudante fosse lá só para comer, eu até concordava, acabava de comer, eu sou estudante, hoje estou duro, eu vim comer na sua casa que é a casa de Deus. Apertava a mão, abraçava o velhinho, ele ia ficar até contente. Mas muitos levantam a carteirinha e tiram sarro, tiram sarro de mim que estou servindo e acham que ali ele fez alguma coisa. Acho que não. Se ele está estudando e se ele tem que ser educado, eles tinham que ir com mais educação também. Qualquer coisinha que ele disser fora do limite, o pessoal se inflama.

P/1 – Vocês fecham a casa no dia da pendura?

R – Fecha às dez horas da noite e só abre no outro dia depois da meia-noite. Porque se passar das dez horas não dá para fechar mais. Meia noite e cinco é o dia deles. Já começa a comer dali.

P/1 – E aproveita para fazer alguma coisa?

R – Uma limpeza, trocar um cano, alguma torneira. Assim a gente não se aborrece também. O ruim é o aborrecimento, o mal trato. Não pega bem para ninguém, no dia do estudante ele sempre fez isso. Dia de eleição ele fecha também para não se aborrecer com as pingas. É outro dia irritante, tem os compadrezinhos que vive da casa, fica atrás do balcão. Tomam a pinguinha escondido no dia de eleição, então para evitar se aborrecer, fecha as portas. Tem o ano inteiro para se ganhar dinheiro, tem o mês inteiro para se ganhar dinheiro, tem a semana inteira, tem o dia inteiro para se ganhar dinheiro, porque num dia desses não dá um apagão. Nesse apagão alguém não tem isso para passar, não está economizando um pouquinho? Eu no mês três paguei R\$ 36,00 depois paguei R\$ 8,00 e teve mês que não paguei nada. Agora desliguei tudo. Aqui tinham dois ar condicionados grandões, funcionando os dois se o salão é pequeno. Liga só quando o salão está lotado. Nós descíamos do vestiário e já ligava para refrescar o salão, quanto de fôca ia ali. E quando tem pouca gente liga os ventiladores, o que incomoda são os papéis que voam (risos)

P/1 – Seu José, o senhor fez algum treinamento, tanto nesse restaurante quanto no outro?

R – Não fiz nada, a não ser trabalhar. O treinamento que eu faço é apanhar uma caixa de cerveja no ombro e subir 40 degraus.

P/1 – O senhor aprendeu a trabalhar, trabalhando?

R – A gente só aprende trabalhar vendo o outro trabalhar, não vai dizer que aprende fazendo. É muito difícil se você prestar atenção no que ela está fazendo, quando ela der as costas ela está fazendo o mesmo. Mas tem que prestar atenção. Quando eu entrei no outro boteco, eu trabalhava na limpeza, buscar jornal, buscar pão, contar as garrafas de vinho fazia só isso. Aí saiu um copa, o patrão falou para ficar ali na copa, mas quando saiu copa, me pediram café eu meti a mão dentro da água de esterilizar para puxar xícara, queimei tudo. O português falou “Não é assim não rapaz, olha o pegador aqui.” Eu nem tinha visto. Eu olhava ele pegar a pinga, a dose e quanto ele cobrava e onde ele colocava. E eu fui olhando, com um mês e pouco, não tinha copa e o português me deixou na copa. Eu já tinha visto ele fazer, pinga, cinzano, onde estava, quanto cobrava. O português perguntou onde eu tinha aprendido. “Eu aprendi assim.” Eu, eu estava fazendo vendo.” E acabou dando certo então, aí o português falou “Então você vai ficar aí.” Aí eu olhava volta e meia os garçons trabalhando, tirando os pratos, aí e a sina de ser garçom né, acho que já nasce com aquele dom. Aí quando foi um dia, chegou uma família italiana para comer espaguete e o garçom foi na cidade pagar uma conta, tinha ido, eram umas quatro horas da tarde, que a casa era 24 horas também, o garçom tinha ido à cidade pagar uma conta, disse: “Agora não vem mais freguês, vou ali a cidade pagar uma conta, é rapidinho, ali é pertinho”, S. Maneco deixou. Quando deixou, entraram quatro para comer espaguete italiano. S. Maneco falou: “Ah, o garçom saiu” e eu falei pro S. Maneco: “Pode pedir que eu sirvo”, “Você garante?” e eu: “Garanto”, eu com o avental de copa, né? Aí fui lá, veio o espaguete, pus no prato direitinho, servi, fiz a conta direitinho, pagaram, me deram caixinha, apertei a mão de todo mundo. Aí, o português falou: “poxa, mas você então, você já dá ficar no salão”. Quando faltava um garçom, eu ficava no lugar, o garçom entrava de folga, eu ficava no lugar e trabalhei quatro anos assim, copa e garçom. Aí, fui pro Almeida, também copa e garçom, ainda hoje, eu tomo conta da copa a manhã inteira, quando eu chego até 11 horas eu fico no caixa, na pia e no servimento, pode ver lá que eu estou lá virado no siri, amanhã logo cedo, servindo pão com manteiga, pingado e tudo e cobrando e lavando a louça no mesmo tempo, fazendo tudo num tempo só. E quando dão 11 horas, eu visto o terno e vou para o salão até 18 horas, hora de largar. Mas para aprender mesmo, tem que olhar, ficar olhando a pessoa puxar aquilo ali pra lá, puxar pra cá, se mandarem eu empurrar aquilo ali, tá certo e eu empurrar, eu vou derrubar? Mas se eu vê-lo tirando aquilo pra cá, aquilo pra lá, pra empurrar, eu já vou fazer o que ele fez, porque vai dar certo. E a pessoa para aprender tem que ser assim, prestar atenção com calma para o serviço sair certo, eu aprendi desse jeito. Quando fui pra mesa, foi a mesma coisa, eu fazia um Toddy, sobrava um tanto assim, fazia uma vitamina, sobrava um tanto assim, aí via eles colocando o leite no copo, faltando um tanto assim pra encher o copo, dá o copo certinho quando bate com fruta, açúcar, tudo, completa, né? Aí eu: “ah, já sei, fácil!”. A melhor maneira de fazer é ver os outros fazerem, vendo os outros fazendo, vamos fazer. Assim foi, até hoje foi assim, no meu lema, devagar, sem quebrar as coisas, não posso carregar muito, carrego pouco, vejo que vai escorregar, vai cair, opa, não pego. Tem gente que pega e pensa que vai levar, derruba e pá, derruba isso, derruba aquilo.

P/1 - Já aconteceu do senhor estar com uma bandeja e levar um tombo no restaurante, alguma coisa?

R – Não. A semana passada eu cai sozinho, primeira vez que eu caio, depois de tantos anos. Um garçom passou e deixou um pedacinho de brócolis da salada cair e tem uma geladeira assim, eu vinha, mas eu escorreguei esse pé, quando pisei aqui, levei esse pé e passou pelo outro, mas eu caí assim “adordido” no chão com a mão, mas eu estava vazio, mas carregado eu nunca derrubei uma bandeja, nunca sujei um freguês, nunca pinguei um molho no cliente. Eu procuro o máximo não encostar a bandeja do cliente, nem pingar, porque se a coisa é com molho, você fica afastado, prato pra cá, você tirando até o prato, não pode passar pra lá, se pingar, vai o molho. E tem garçom por aí, que eu escuto lá a turma falar que derruba pizza, derruba não sei o quê, tem que ter atenção. Agora no salão, de domingo tem muita criança, uma vez a criança bateu com a cabeça numa xícara, a xícara estava vazia, que eu ia trazer com café, bateu na bandeja que a xícara pulou da bandeja no chão, mas o pires ficou. Quando você está num movimento de trabalho, você tem que ter o máximo de atenção, principalmente, com freguês que está de terno e gravata, enfermeira de Santa Casa, toda de branco, você tá com uma bandeja, você está seguro com uma bandeja, você está com um copo, tem que segurar. Às vezes, pedem dez chopps, eles vão soltos na bandeja, mas você tem que ter o equilíbrio de pôr a bandeja aqui para tirar o chopp daqui e pôr lá, não pôr a bandeja aqui na frente e tirar, porque se você bobear, tã, cai em cima da mesa e dá banho em todo mundo. E se cair aqui, caiu no chão, não cai na mesa, tem gente que vai com a bandeja na frente, não, eu sempre tive o máximo de cuidado para não prejudicar os clientes.

P/1 - E seu José, o senhor acha que desde época que o senhor começou, do Almeida e do outro restaurante, até hoje, o cliente ele mudou?

R - Mudou, mudou para o bom, o estilo do cliente mudou para o bom. Porque tinha cliente, que não são todos, mas a maioria vai ao restaurante porque a mulher expulsou ele de casa, não deu de comer, o outro brigou com o filho, o filho comeu a comida toda, deixou ele sem comida e ele

vai lá pra brigar com o garçom, vai desabafar em cima daquilo. Muitos vão pra lá pra comer e no fim da comida, dizer que tá ruim o prato pra não pagar. E hoje em dia, não se vê isso, dificilmente chegar um camarada pra dizer: “olha, a comida estava ruim”, “olha, não vou pagar”, muito difícil, não sei se é só lá, mas é muito difícil, tem uns que reclamam uma coisinha, mas é de leve, até brincam com a gente. Mas já teve freguês que veio lá invocado lá não sei da onde, querendo jogar o prato até na gente, já aconteceu comigo, o freguês levantar, pra virar o prato e jogar em mim.

P/1 - E o que o senhor fez?

R – Nada, eu só o acalmei, contei umas histórias e ele se sentou e foi comer a comida dele. Mas ele ia jogar em mim (risos), com certeza, não tinha solução. A gente, nessa hora, tem que agradar, contar uma história, pra ele se lembrar de que ele tá dentro de um restaurante, que ele tem filho em casa, as tragédias todas são cometidas por quê? Por não pensar, levar um tapa na orelha, puxo o revólver e dou um tiro, um tapa na orelha, vai doer na hora, dói, né, nunca levei. E se eu der um tiro? Pra onde que eu vou? Para trás das grades. E minha família, vai viver do quê? Dos vizinhos que vão ajudar, vão pagar aluguel, pagar isso, pagar aquilo? Não vão, vão pra debaixo da ponte. Aqueles tempos que eu ficar atrás das grades, a minha mente não pensou, tem que pensar antes e não depois.

P/1 – Então o senhor acha que houve uma mudança no perfil do cliente, ele está mais, ele respeita mais?

R – Mais respeitoso, mais cuidadoso, mais bondoso. Cliente entra, dá “Bom dia!”, dá “Até amanhã”, abraça a gente. Tem cliente lá que abraça a gente e beija que nem fosse mulher e marido, que até a turma pensa que a gente é gay, não é nada disso, é amizade, o convívio que a gente tem com as pessoas. Aí tenho foto, que eu estou abraçado com criança de um lado, com criança do outro, a mulher no meio e quem bateu a foto foi o marido. Se esse cliente não me vê, não come sossegado. Esses meninos estão um com 14, outro com 16, quando chega lá me abraça, me beija, aperta a mão na saída e na entrada. Na rua onde me vê, faz questão de parar o carro pra me cumprimentar isso é muito bom e saber que tem gente onde você anda. Não adianta ter dinheiro, ter carro importado, ter um apartamento de cobertura e não ter moral nem respeito com ninguém. Eu não sou rico, não sou nada, mas o que eu tenho é suficiente para eu viver uma vida maravilhosa, porque tenho todo mundo como companheiro e companheiras, como amigos, amigas. Eu nunca maltratei um cliente, xinguei um cliente, brinco, empolgo com os clientes mas na brincadeira.

P/1 – O perfil do cliente, ele muda conforme a época do ano, época de temporada, muda o cliente?

R – Muda um pouco, muda nesse termo. Santos tem uma população, está todo mundo envolvido dentro da cidade, está todo mundo dentro do Almeida, ou do restaurante por aí tudo. Quando bate uma temporada, vem mais gente de fora para a cidade e os da cidade muda para outros cantos. Aí vem uma troca. Depois muda tudo, volta tudo o que era da cidade, do mesmo perfil. Aqueles da temporada, são aqueles que vem em janeiro, carnaval, mês de julho. Pai que nunca levou uma criança num restaurante quando entra de férias junta com a mulher, vamos fazer uma presença, leva para almoçar, leva para jantar. Vai mudando. Sempre dando uma mudada mais uma mudança ótima. Se você quer saber, você ter uma casa e não ter uma visita, entrar o mês e não ir uma visita na sua casa, na minha casa eu tenho visita a semana inteira. No serviço eu tenho visita de colegas de primos e de primas. O patrão até fala: “É tudo família?” É pouco, só de sobrinho tenho 78. Tem gente que está lá há um ano, e não entrou ninguém nem para dar recado. É sozinho ou ninguém descobriu onde ele está trabalhando ainda.

P/1 – Das cidades em torno, Cubatão, São Vicente, Guarujá, o senhor tem clientes nessas cidades?

R – Cubatão tem cliente, Guarujá tem cliente que vem para almoçar lá. São Vicente, São Bernardo, São Paulo. De sábado e domingo a clientela é tudo paulista. Segunda feira quando eles vão embora, passam lá para almoçar. Rio. O ex dono, a filha dele era de lá, e ele frequentou muito lá. Goiânia, Foz do Iguaçu. Todo canto o Almeida é conhecido. O falecido Paulo estava atravessando numa barquinha em Foz do Iguaçu “Seu Queija, Sr. Queija” ele nem olhou “Seu Paulo Queija” aí ele se tocou. Ele me disse “Pra mim eu estava escondido e no meio do rio ele passa me gritando.” Tem essa revista Turismo, que eles assinam e levam para fora. Uma vez em 1968, quando fui a segunda vez para Sergipe, eu levei uns 200 cartãozinhos de folhinha, e canetas escrito Almeida Restaurante. Espalhou para todo mundo. A maioria dos funcionários do Almeida são do nordeste, Santa Catarina, Pernambuco, Natal. A família uns vem outros vão. O diálogo que eles tem, a notícia vai correndo. O Almeida é conhecido por causa disso. Você vai à cidade, onde você trabalha? No Almeida. Pronto, não precisa mais dado nenhum. O patrão paga a conta dos outros, ele não quer o nome do Almeida envolvido com SPC essas coisas.

P/1 – Seu José, o que o senhor faz na horas vagas, quando não está no restaurante?

R – Às vezes eu sento lá nos fundos para esfriar os sapatos, que lá não tem nada, lá dentro nunca fica sem nada o que fazer. Quando não tem nenhum cliente eu vou fazer aquelas caixinhas de embalagem para o caldo verde. Tem uma caixinha de papelão, que roda uma marmite, põe na sacola para ir onde for, para não estourar. Eu faço 100, 70 caixinhas daquelas, empilho. Às vezes vou fazer salada, que é a sobremesa predileta da gente. Cortar picles para fazer couvert. A gente vai fazendo essas coisinhas porque a gente não pode ficar cruzado, então naquelas horas vagas, a gente adianta. Tem dia que não dá, mas tem dia que sobra um tempinho.

P/1 – E nas suas horas de lazer, o que você faz?

R – Em casa, ultimamente eu ia pintar a casa. A casa é pintada de dois em dois anos, retirar uma telha quebrada. Mas como não tem o que fazer, vou lá para o quiosque de meu irmão em Bertoga, ou senão vou para Praia Grande na casa de minha prima passear, ou vou para São Paulo para a casa de uma irmã. Tem sempre para onde eu ir e quando eu não quero ir para canto nenhum fora da cidade, eu vou para uma mesa de snooker e bato snooker o dia inteiro. Trabalho a semana inteira, vou me divertir um pouco, não é só ficar enterrado no serviço.

P/1 – A folga do senhor é sempre na segunda feira?

R – Sempre na segunda, desde 1976, eu folga sempre na segunda.

P/1 – O senhor falou que tem dois filhos?

R – Tenho um homem já de 20 anos, namora com uma menina, mora na casa dela, não casou, mas está para a casa dela. Tenho uma menina com 24 está com três filhinhos, já está na casa dela, casada. Graças a Deus, independente da vidinha dela. Essa é da primeira mulher. Eu casei, com três anos separei, dei uma casa para ela e fiquei com outra. Arrumei outra, tem 16 anos que está comigo, com essa não tenho filho. Eu e ela e só. Vivo uma vida assim, tranqüila, sem aborrecimento. Sem perturbar a vida dos outros.

P/1 – Seu José, se o senhor pudesse mudar alguma coisa em sua vida, o senhor mudaria?

R – Mudaria num termo bom, nas minhas idéias. Comprar uma casa, um sobrado com uma área bem grande em cima, um carro na garagem para num dia de folga pegar a mulher e ir para um lugar bem longe, senão comprar um sítio com uma cachoeira, aí é gostoso. Mudar assim, não mudar de cidade, sair de Santos e ir para dentro de São Paulo. Sair de Santos e ir para São Vicente. Mudar para alguma coisa melhor, uma coisa ampliável. Esse é meu sonho, sabe que eu se eu ganho uma nota nesses jogos malucos, aí eu mudo.

P/1 – O senhor gostaria de falar alguma coisa que a gente não perguntou?

R – Não, eu acho tudo que vocês perguntaram é o que eu tinha citado para vocês. As idéias foram todas colocadas porque era aquilo mesmo de quando eu vim, o que eu passei na minha infância, era isso que eu ia contar. Vocês perguntaram então ficou mais aberto o jogo. É uma coisa boa porque eu me lembro e vejo que é uma coisa ótima, maravilhosa, que é a pessoa viver sem tanta preocupação, sem tanto argumento, sem aquele apuro de vida que eu vejo em muita gente. Muita gente se irrita com pouca coisa e não é nem aquele o problema. Eu sempre falo para uma mulher que eu tenho, quando ela está reclamando muito, “Olha para trás aí na rua, ou vai ao hospital. Você vai ver gente com perna quebrada, sem família para visitar, vê pai de família desempregado, com duas ou três crianças para criar morando debaixo de um viaduto. Você vê muita gente dormindo no passeio. Isso eu tenho que ver que é para não ficar reclamando. Eu durmo na minha casa, durmo debaixo do meu cobertor, tenho dinheiro – pouco ou muito – eu tenho, tenho saúde que Graças a Deus até hoje, que de 10 anos para cá, nunca fui num médico. Aqui em Santos, em São Vicente, nadei, andei por dentro d’água, água no pescoço, nunca tive um resfriado, uma bronquite, uma sinusite. Como de tudo, bebo de tudo e não me faz um pingão de mal. Não sou de ferro, mas sempre me peguei com Deus, e tenho fé, enquanto me pegar com ele e ele existir eu levo uma vida boa. Não tenho orgulho de ninguém que tenha seus carros, suas casas. Quem namora as mulheres bonitas e ricas, cada um merece o que Deus dá. Eu só olho para trás porque tem gente nessa vida, tem gente nos passeios, tem gente no hospital pedindo ajuda, tem gente no hospital sem visita. Isso eu tento ver para não acontecer as mazelas da vida. Nós estamos no mundo, estamos para viver, nós estamos para colher uma coisa de boa, uma coisa ótima. O homem daqui para cima é onde está a inteligência, não é daqui para baixo. Daqui para baixo é matéria humana e se ele não tem inteligência ele vai pela cabeça dos outros. Às vezes eu chego mais cedo, acordei cedo, estou de bom amor para trabalhar. A cidade de Santos é bonita, boa de se viver. Agora está tendo um pouquinho de desmazelo com esse povinho pobre que está na rua, que perderam o emprego, não adquiriram outro. Tenho um amigo que perdeu o emprego e gasto todo o seu fundo de garantia, se encontra ele na rua tem seis meses que ele não troca de roupa, a roupa parece um encerado de tão dura, fedida, sem tomar banho, no sol quente um dia já não é normal, imagina 6 meses. Porque ele fez isso, a mente não funcionou. Quando eu comecei trabalhar eu ganhava muito pouco, todo mundo me dizendo que eu não ia para frete ali, nunca passei fome, já tive tudo que eu desejei, com aquele empreguinho. Estou aonde, aposentando onde? Se eu vou ganhar muito com a aposentadoria? “Não sei”, mas não estou preocupado com isso, posso arranjar um bico ou ficar dentro da minha casa mesmo. Vou amarrar uma corda no pescoço porque o emprego é pouco? Ruim é ficar sem emprego. Ninguém vai jogar que a família está com fome, o culpado vai ser eu. Deus não vem trazer na porta, ele dá o poder e eu tenho que sair cedo para adquirir.

P/1 – Seu José, a gente vai encerrar o depoimento, a gente queria agradecer a sua presença aqui para contar sua história, a história de seu trabalho no Restaurante Almeida.

R – Agradeço eu o convite, é para mim é um privilégio estar aqui contando, conversar, se explicar. Isso é natural que todo mundo tem. O meu agradecimento é esse, e o restaurante está lá, aberto para toda a população de homens e mulheres comerem e beberem e se sentirem bem.

P/1 – Muito obrigado.

R – Obrigado vocês.